

6ª FEIRA SANTA - PAIXÃO DO SENHOR 30 de março de 2018

Leituras

1ª leitura: Is 52,13—53,12 = Ele foi ferido por causa de nossos pecados

Salmo: Sl 30 = Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!

2ª leitura: Hb 4,14-16; 5,7-9 = Ele tornou-se causa de salvação eterna

Evangelho: Jo 18,1—19,42 = Paixão de Jesus

Primeiro olhar

A contemplação da Paixão, Morte e crucificação de Jesus Cristo ajuda-nos a compreender a imensidade do amor divino para com a humanidade. Motivo pelo qual podemos acolher o convite da 2ª leitura para nos aproximar com toda confiança da Cruz, o trono da graça.

ILUMINADOS PELA PALAVRA

Dentre os muitos modos de nos aproximar da celebração da Sexta-feira Santa, sugerimos a contemplação do sofrimento de Jesus com o olhar e o coração de quem acompanhou a disponibilidade de Jesus ao assumir sua Paixão. Procuramos considerar e entender que existe um motivo pelo qual João, o evangelista que proclama a Paixão do Senhor na Liturgia da Sexta-feira Santa, narra os acontecimentos para evidenciar a consciência de Jesus e seu protagonismo diante dos fatos.

Contemplando a oferta da vida de Jesus

Nosso ponto de chegada está na flagelação de Jesus e no julgamento de Jesus por Pilatos (E). O modo como João descreve as cenas da flagelação e do julgamento de Pilatos demonstra que Jesus domina a situação; é o protagonista da situação. João, com seu estilo particular, favorece a compreensão da realização da profecia de Isaías em Jesus, de que *"ele assumia sobre si as nossas enfermidades"* (1L). Existe também, no relato de João, um modo para perceber que Jesus não colocava sua força e sua confiança no julgamento humano, mas unicamente em Deus: *"Senhor, em ponho em vós a minha esperança"* (SR). Ou seja, Jesus sabia o que estava acontecendo e sabia que podia confiar no Pai (SR).

Uma das finalidades de João é chamar atenção ao fato que Jesus não assume sua Paixão passivamente, mas ativa e conscientemente. Sua atitude ativa encontra-se em algumas expressões do quarto evangelista. No Evangelho da Paixão, João anota: *"então, Jesus consciente de tudo que ia acontecer, saiu ao encontro deles"* (Jo 18,14). Consciente dos acontecimentos vai ao encontro dos soldados e assume o protagonismo; vai ao encontro dos fatos desde o primeiro momento, quando vêm para prendê-lo. Assume o protagonismo determinando quem deve ser preso e quem não deve ser tocado: *"se a mim que procurais, então deixai que estes se retirem"* (Jo 18,8). O mesmo protagonismo pode ser percebido na conversa com o Sumo sacerdote, a ponto de Jesus ser esbofeteado por não se comportar como um condenado, mas como alguém que opina, que rebate argumentos e discute a partir da verdade dos fatos (Jo 18,19-23).

Igual protagonismo de Jesus aparece na cena do julgamento, quando deixa a sala de tortura, onde tinha sido flagelado, com a coroa de espinhos para encontrar-se com Pilatos e ser apresentado ao povo (Jo 19,11-3). Pilatos toma a iniciativa, mas Jesus o coloca no seu devido lugar quando diz: *"tu não terias autoridade alguma sobre mim, se não te fosse dada do alto"* (Jo 19,11). Claramente, João comunica aos seus leitores que Pilatos não condena Jesus, ele, apenas, faz parte do processo humano, para que a condenação acontecesse.

O momento mais forte do protagonismo de Jesus, contudo, encontra-se na oferta da própria vida ao Pai pela Salvação da humanidade; quando entrega seu espírito ao Pai (Jo 19,30). Antes disso, em gesto ofertorial, Jesus entrega sua mãe ao discípulo amado e entrega o discípulo à sua mãe. É a oferenda da maternidade divina para a vida do discípulo, o momento do nascimento da Igreja, que contempla na oblação do Crucificado, a maternidade divina e o seguimento pelo discípulo (Jo 19,25-27).

Aquilo que foi mencionado brevemente, devido o espaço que se dispõe, favorece nossa contemplação de como Jesus consciente e livremente oferece sua vida em sacrifício ao Pai pela Salvação da humanidade. Sacrifício no sentido de oferenda, o que nos faz compreender que, livremente Jesus faz de sua vida uma oferenda, um sacrifício, e se dispõe a aceitar o sofrimento como prova de amor ao Pai e à humanidade.

Discípulos amados e fiéis

A fidelidade é demonstrada pela proximidade a Jesus, no momento da Cruz. Quando todos o abandonam — e sentindo-se abandonado até mesmo pelo Pai — algumas pessoas ficam aos pés da Cruz. São os discípulos amados e fiéis. Estes acolhem em pessoa a oblação da vida de Jesus e passam pela experiência de compreender,

não racionalmente, mas com o próprio coração, o significado oferente e o sentido da Cruz como altar onde Jesus oferece sua vida como sacrifício, como oferenda, ao Pai.

Somente João fala de Maria e de alguns discípulos de Jesus próximo da Cruz (Jo 19,25-26). Os demais evangelistas não mencionam este detalhe. Lucas, por exemplo, diz que aqueles que conheciam Jesus o seguiam à distância (Lc 23,49). Também Mateus diz que muitas mulheres acompanhavam os acontecimentos de longe; haviam acompanhado Jesus em vida, mas no momento da Cruz olhavam de longe (Mt 27,55-56). Marcos apresenta inclusive nomes de quem acompanha a crucificação, mas distantes da Cruz (Mc 15,40-41). João entende que a Cruz é o trono de Jesus e, por isso, aqueles que ali se estavam, sua mãe, as discípulas e o discípulo amado, são considerados como servos fiéis do Rei, sempre próximos do trono real de Jesus.

João vê também a Cruz como altar, tornando a crucificação um momento litúrgico e celebrativo, no qual Jesus é o sacerdote (2L) que oferece sua vida ao Pai. É o que acontece, hoje, em nossas Eucaristias em situação de memorial pela ação do Espírito Santo.

É sempre interessante mencionar, para concluirmos, que João apresenta o discípulo amado sem um nome, embora ele mesmo se identifique como o amado depois da Ressurreição de Jesus (Jo 20,2). Do ponto de vista espiritual, contudo, podemos considerar o anonimato e, do ponto de vista Bíblico, é um discípulo que o nome de todos nós e de cada um de nós. Para isso, é necessário ter a graça e a coragem da fidelidade de permanecer aos pés da Cruz, como fez Maria, como fizeram os discípulos e as discípulas, na hora suprema da Cruz.

ILUMINADOS PELAS ORAÇÕES (eucologia da missa)

Antífona da adoração da Cruz

A Liturgia da Sexta-feira Santa propõe somente uma antífona, situando-a antes da adoração da Cruz. Uma antífona caracterizada como convite para adorar o Senhor no madeiro da Cruz. É uma antífona que não apela ao dolorismo, mas à esperança da Ressurreição. A antífona faz menção que na Cruz já se celebra a Ressurreição de Jesus, por isso, a antífona propõe adorar Jesus no Madeiro em clima de alegria espiritual de quem respeitosa e adoradoramente adora Jesus na Cruz com reconhecida ação de graças pela Salvação.

CONTEXTO CELEBRATIVO

Neste ano de 2018, nossa reflexão propõe conduzir os celebrantes a contemplar o protagonismo de Jesus, na sua Paixão, e na fidelidade do discípulo e da discípula, convidando-os a permanecer com Jesus aos pés da Cruz.

Anotação em torno do contexto celebrativo

Quatro dimensões:

A Liturgia da Sexta-feira Santa desenvolve-se em quatro partes, cada qual com ritos próprios.

As quatro partes são:

1ª parte = Paixão proclamada: é a Liturgia da Palavra.

2ª parte = Paixão rezada: pela Paixão do Senhor, a Igreja faz suas preces.

3ª parte = Paixão adorada: adoração da cruz, na qual e pela qual temos a salvação.

4ª parte = Paixão comungada: rito da comunhão

VAMOS CANTAR A CELEBRAÇÃO

As canções sugeridas têm a finalidade de facilitar o repertório da celebração. Normalmente, propomos cinco canções. Caso, nenhuma seja conhecida, a poesia da letra poderá orientar na escolha de outra canção. Os números entre parêntesis indicam o número da canção, na lista após comentário.

ILUMINADOS PELAS CANÇÕES

A celebração da Paixão de Jesus é cantada com um coração silenciado pelo respeito diante da Cruz de Jesus Cristo. Este é o clima, o sentimento pessoal, de quem canta a celebração da Paixão e Morte de Jesus, na sua Cruz salvadora.

Para ajudar na escolha das canções, algumas anotações. Lembramos que não existe canto de entrada nesta celebração. O padre, acompanhado dos ministros, entra silenciosamente e, depois da prostração, faz a oração inicial. Neste contexto de respeito silencioso, os ritos iniciais não admitem nenhum tipo de canção e nem fundo musical. A celebração inicia-se envolvida pelo silêncio total e respeitoso, dispondo os celebrantes a contemplar o amor de Cristo que doou sua vida para redimir a vida humana.

A primeira canção a ser cantada é a aclamação ao Evangelho que, sugerimos, seja cantada “a cappella”; sem acompanhamento instrumental. Ainda no contexto da Liturgia da Palavra, o canto da Paixão é facultativo. Normalmente, é feita a leitura da Paixão, mas é possível cantar a Paixão. Para isso, sugerimos a versão cantada da CNBB no CD que propõe duas melodias, uma delas com a participação da assembléia.

Durante o rito da adoração da Cruz, o Missal Romano, p. 261, propõe algumas antífonas e, nas páginas 262-266 estão os chamados “*Lamentos do Senhor*”. É comum as comunidades terem melodias próprias para os “Lamentos”. Neste caso, sugerimos sejam usadas melodias tradicionais da comunidade. A escolha de músicas para este momento é tematizada no amor infinito de Jesus, que manifesta sua obediência plena ao Pai, entregando livremente sua vida ao Pai para salvar a humanidade.

Para acompanhar o rito da distribuição da Eucaristia, sugerimos escolher canções que cantem a oblatividade da vida de Jesus Cristo e outros temas relacionados à Cruz de Jesus Cristo, como confiança em Deus, Salvação da humanidade, amor infinito de Jesus por nós...

Lembramos, por fim, que não existe canção do envio. Todos os celebrantes retiram-se silenciosamente da igreja.

Entrada: os ritos iniciais não admitem nenhum tipo de canto inicial e nem fundo musical. Inicia-se com um silêncio total e respeitoso, dispondo os celebrantes a contemplar o amor de Cristo que doou sua vida para redimir a vida humana.

Salmo responsorial:

- 1 - Hinário Litúrgico da CNBB, fasc. 2, p. 28
- 2 - “Cantando os salmos e aclamações” (Paulus), p. 106
- 3 - “Pai, em tuas mãos” (SAL 858) (CO 226)
- 4 - CD “Tríduo Pascal” I; faixa 11
- 5 - “Ó Pai, em tuas mãos”
- 6 - “Pai, em tuas mãos”

Aclamação ao Evangelho:

- 1 - “Salve, ó Cristo obediente” (SAL 834) (CO 228) (CD “Tríduo Pascal” I; faixa 12)

Canto da Paixão: a indicação que estamos sugerindo é da CNBB para ser cantada como proclamação da Paixão do Senhor. A versão sugerida torna mais compreensível o texto da Paixão. O CD propõe duas melodias, uma delas com a participação da assembleia. Estamos propondo também outra melodia, que necessita de algumas adaptações.

- 1 - “CD “Tríduo Pascal” I; faixa 13 ou faixa 14”

Adoração da Cruz:

- 1 - “Vitória, tu reinarás” (SAL 859) (CO 167)
- 2 - “Fiel madeiro” (SAL 860) (CO 236)
- 3 - “Nossa glória é a cruz” (SAL 861) (HL, fasc. 2, p. 163)
- 4 - “Bendita e louvada seja” (SAL 817) (CO 235)
- 5 - “Sei muito e muito bem” (SAL 323)
- 6 - “Um homem plantou” (SAL 862) (CO 237)
- 7 - “Vinde, vinde todos” (SAL 863)
- 8 - “Meu povo preste atenção” (CD “Tríduo Pascal” I; faixa 15)
- 9 - “Meu povo, que te fiz eu?” (CD “Tríduo Pascal” I; faixa 16)
- 10 - “Ó Cruz fiel” (CD “Tríduo Pascal” I; faixa 17)

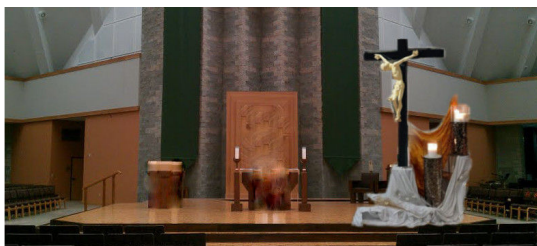
Comunhão:

- 1 - “Se o grão de trigo não morrer” (SAL 864) (HL fasc. 2, p. 19)
- 2 - “Eu vim para que todos tenham” (SAL 865) (CO 164)
- 3 - “Prova de amor” (SAL 846) (CO 201)
- 4 - “Tomastes nos ombros a cruz” (SAL 866) (CO 156)
- 5 - “Na fonte do teu sangue” (SAL 867)
- 6 - “Cordeiro imaculado” (SAL 868)
- 7 - “Ó Senhor, nos ensinastes” (SAL 220)

Envio silencioso: depois de contemplar o Mistério da Paixão e Morte do Senhor, a Liturgia envia silenciosamente os celebrantes de volta às suas atividades. Não existe canto final nessa celebração.

O QUE VALORIZAR NA CELEBRAÇÃO

Espaço simbólico: como prescrevem as orientações litúrgicas para esta celebração, o espaço celebrativo deverá seja o mais desprovido possível. Isso significa não usar flores nem folhagens. Sugerimos preparar um espaço especial onde colocar a Cruz depois da adoração, como este sugerido na foto, com duas velas, mais um suporte para colocar um pano dourado para fazer fundo. A Cruz, na foto, é aquela que entra no rito da adoração da Santa Cruz.



Frase celebrativa: um convite para falar aos olhos no decorrer de toda a celebração, anunciando a remissão dos pecados na Cruz de Jesus Cristo.

Frase celebrativa

Nós te adoramos, Cristo, e te bendizemos, porque pela vossa Santa Cruz, remistes o mundo!

Equipe de acolhida: o melhor modo de acolher os celebrantes é lembrá-los do infinito amor de Deus para conosco.

Frase de acolhida Deus nos ama infinitamente! Boa celebração!

Ritos iniciais

Motivação ritual

O primeiro gesto da Igreja, que se reúne em celebração litúrgica, é de adoração profundamente respeitosa e silenciosa, em memória da Paixão e Morte de Jesus Cristo na Cruz.

Orientação ritual

O padre e os ministros fazem a procissão em silêncio até o presbitério. O presidente da celebração, ao chegar ao presbitério, prostra-se ou ajoelha-se. Os ministros e os celebrantes ajoelham-se para rezar silenciosamente por um breve tempo. Se houver condições para que os ministros se prostrem, assim poderá ser feito. Depois, o padre vai para a cadeira presidencial, reza a oração inicial e todos sentam para participar da Liturgia da Palavra.

Para enfatizar ainda mais o silêncio é bom omitir qualquer comentário inicial, mesmo se proposto em folhetos. Considere que a procissão silenciosa, a prostração, o ajoelhar-se e a oração que abre a celebração é comunicadora de uma mensagem mais forte que qualquer tipo de comentário.

Caso seja necessário, antes do início da celebração, o diácono (ou na falta dele um ministro) exercerá sua função litúrgica de “orientador da assembléia”. Este se colocará diante dos celebrantes dirá apenas: “fiquemos de pé e silenciosamente iniciemos nossa celebração”.

Procissão de entrada: toda a Igreja entra silenciosamente e, silenciosamente se coloca diante da Cruz de Jesus Cristo. Um mistério tão profundo, que exige dos celebrantes o silenciar, o calar-se respeitoso até mesmo diante da incompreensão da Cruz.

Prostração: o gesto litúrgico da prostração é manifestação adorante da Igreja, pela qual toda a comunidade, reunida em oração, reconhece a pequenez humana e a grandeza do amor divino de entregar sua vida para nos salvar.

Coleta:

Ó Deus, pela Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo destruístes a morte que o primeiro pecado transmitiu a todos. Concedei que nos tornemos semelhantes ao vosso Filho e, assim como trouxemos pela natureza a imagem do homem terreno, possamos trazer pela graça a imagem do homem novo. PNSJC T – Amém!

Liturgia da Palavra

Motivação ritual

A primeira vez que a voz humana se eleva é em forma de prece, na oração inicial. E, a segunda vez que se ouve alguém falando na celebração, é a voz de Deus, nas leituras.

Orientação ritual

Cantar a Paixão de Jesus

Em vez de fazer a leitura da Paixão, muitas comunidades têm o costume de cantá-la, como mencionado na proposta das canções. Outro modo de proclamar a Paixão, além da leitura dialogada, é ler a narrativa e cantar os diálogos.

Ajoelhar-se durante a leitura da Paixão

No momento que o diácono (ou leitor) anunciar a morte de Jesus, na leitura da Paixão, o próprio diácono (ou leitor) poderá fazer o convite para que todos se ajoelhem e permaneçam em silêncio por um tempo oportuno.

Durante o momento da genuflexão silenciosa, na leitura da Paixão, não se fazem comentários, orações de desagravos, ou coisas do gênero. É momento de profundo silêncio, no qual cada um coloca-se diante de Jesus que morre para nos salvar.

Homilia

Lembramos que a homilia não é obrigatória neste dia. O Missal Romano recomenda-a “pro opportunitate”. Contudo, é recomendável que a mesma seja feita e seja breve.

Oração Universal

1 - A Oração Universal poderá ser cantada por um diácono, que anuncia a intenção. Na falta do diácono, um Leitor poderá fazer a primeira parte e o presidente da celebração fará a oração coleta, que acompanha cada uma das orações.

2 - Haja sempre uma pequena pausa de silêncio entre o anúncio da intenção e a prece.

3 - Outro modo de proceder é dividindo as preces entre várias pessoas para anunciar as intenções, cantando-as ou lendo. A oração coleta, que conclui cada uma das súplicas, é sempre do presidente da celebração e nunca de toda assembléia.

4 – Tenha-se cuidado para manter o estilo comunicativo próprio do rito, que se caracteriza pelo ouvir e não pelo falar, pelo cantar ou pelo recitar orações. Entende-se assim que se trata de uma celebração caracteristicamente silenciosa.

Canto da Paixão: a proclamação da Paixão do Senhor é um momento importante dessa celebração. Por meio de sua leitura (ou da canção, como estamos sugerindo) os celebrantes acolhem em suas vidas o Mistério da Salvação divina.

Ajoelhar-se na leitura da Paixão: outro momento silencioso que marca esta celebração é a interrupção da Proclamação da Paixão. Todos se ajoelham e permanecem por um momento em silêncio; em oração silenciosa.

Proposta para a homilia

Objetivo: a proposta de homilia inicia-se com o convite para se aproximar da Cruz de Jesus Cristo pela contemplação e não tanto pela reflexão intelectual. Aproximar-se da Cruz de Jesus para sentir a força do seu amor e com ele ingressar no santuário que nos conduz diante do amor infinito do Pai.

Oração universal: depois da homilia, tem início a segunda parte da celebração, que a Liturgia denomina de “Paixão rezada”. É momento para interceder a coragem de não sucumbir diante do cálice do sofrimento que, diariamente, é apresentado a incontáveis irmãos e irmãs de todas as idades.

Adoração da cruz

Motivação ritual

O rito da adoração da Cruz reflete aquilo que está sendo proposto como contexto celebrativo e como reflexão na homilia: aproximar-se da Cruz para contemplá-la e adorá-la.

Orientação ritual

Um modo muito expressivo de introduzir a Cruz é convidar pessoas que, na comunidade, ajudam irmãos e irmãs sofredores a carregarem suas cruzes, especialmente aquelas que foram atingidas por alguma forma de violência. Estes introduzem a Cruz até um espaço na igreja e o padre ou diácono desvela a Cruz e canta o “ecce lignum” (eis o lenho da Cruz), como proposto no Missal Romano.

Quanto ao modo de realizar a adoração da Cruz, segue-se o que é costume na comunidade. Algumas comunidades mantêm a tradição das três genuflexões para o clero e genuflexão simples para os ministros e alguns representantes dos celebrantes.

Para agilizar a participação do povo neste rito, o Missal orienta que a Cruz seja apresentada e elevada diante dos celebrantes, para que estes possam expressar um gesto de adoração. Com grande número de celebrantes, como acontece na maior parte das comunidades, o Missal propõe a adoração silenciosa. Todos ficam em silêncio contemplando a Cruz (cf. Missal Romano, p. 261, n. 19).

A canção mais conhecida é “Vitória, tu reinarás”, mas poderá ser outra canção, como por exemplo, “Ninguém te ama, mais que eu” que exprime bem o reconhecimento dos celebrantes diante da Cruz de Jesus Cristo. Se a comunidade conhecer o hino “Não mais sucederá, o ritual pagão”, é uma outra proposta.

Não há a necessidade de cantar todos os lamentos, como propõe o Missal. Pode-se cantar ao menos um lamento durante a adoração da cruz feita pelo padre, ministro e representantes da assembléia. Outra canção que poderia ser cantada é o hino: “Cruz fiel” (cf. Missal Romano, p. 263).

Para as comunidades que não conhecem as melodias, lembramos que algumas propostas estão no Hinário da CNBB, mencionados acima. Para a execução dos lamentos, o Missal os distribui em partes que pertencem aos solistas e outras aos celebrantes. O solo destes lamentos, ou do hino, é função ministerial do salmista.

Entrada da cruz:

O primeiro momento do rito é a introdução solene da Cruz, envolvida em clima silencioso, na assembléia. Seria muito bom se a Cruz percorresse toda a igreja, entrando lentamente e sendo desvelada aos poucos: na porta principal, no centro e no presbitério.

Como realizar o rito

O Missal prescreve dois modos para a entrada da Cruz (cf. Missal Romano, p. 260, n. 14).

Modo 1

1. A Cruz é introduzida silenciosamente na Igreja, coberta por um véu vermelho;
2. O padre a descobre, no presbitério, em três momentos, cantando “eis o lenho da cruz” (Cf. Missal Romano, p. 260, n. 15-16).

Modo 2

1. A Cruz está coberta com um véu.
2. O padre apresenta a Cruz aos celebrantes em três momentos diferentes, durante uma procissão, que percorre o corredor central da igreja até o presbitério.
3. Faz três paradas, no início, no centro da igreja e no presbitério para cantar: “eis o lenho da cruz” (Cf. Missal Romano, p. 260, n. 17).

Rito de Adoração da Cruz: Pode ser dividido em quatro momentos.

1. Os celebrantes contemplam a cruz silenciosamente por um tempo oportuno.
2. Convite do padre para considerar o imenso amor de Cristo, que entrega sua vida para nos amar.
3. Glorificar e louvar a Deus por meio de uma canção conhecida de todos.
4. No terceiro momento, faz-se uma manifestação pessoal, pela qual cada um dos celebrantes beija ou toca na cruz.

Lamentos do Senhor: durante a adoração da Cruz de Jesus Cristo, a liturgia sugere cantar os *“Lamentos do Senhor”*. São poemas rituais que fazem os celebrantes refletir sobre a bondade de Deus em nos salvar. Os lamentos do Senhor são também um convite pelo qual os celebrantes louvam o Senhor como Deus Santo, Deus forte e imortal, e suplicam-lhe compaixão.

Comunhão

Motivação ritual

Pela comunhão Eucarística, nesta celebração, comunga-se o Mistério da Salvação de Jesus Cristo e participa-se plenamente da oblatividade da sua vida ao Pai.

Orientação ritual

Não é conveniente nenhuma manifestação piedosa no momento em que se traz o Santíssimo Sacramento. As orientações do Missal pedem que o Santíssimo seja introduzido na igreja e levado ao altar pelo caminho mais curto e de modo simples (Cf. Missal Romano, p. 267, n. 21). Isso significa dispensar entradas com velas e matracas, por exemplo.

Como proceder para o rito

O rito de comunhão desenvolve-se de modo muito simples.

1. Preparar, sem solenidade, o altar com uma toalha e duas velas próximas ao altar.
2. Reza-se apenas o “Pai nosso” e o embolismo (“livrai-nos de todos os males...”)
3. Não se faz o rito da paz e nem se proclama o “Cordeiro de Deus”
4. Fazer o convite para que os celebrantes aproximem-se para comungar.
5. Depois da comunhão, o Santíssimo é reposto num sacrário fora da igreja.
6. Retirar a toalha e as velas próximas ao altar

Pai nosso

Agradecidos pelo imenso amor do Senhor, rezemos com confiança a oração que ele mesmo nos ensinou: Pai nosso...

Convite da comunhão

Quem come a minha carne permanece em mim e eu nele, diz o Senhor! Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo:

Ritos finais

Motivação ritual

Também os ritos finais se concluem no silêncio como convite, para que os celebrantes levem consigo a imagem do amor de Jesus Cristo pendente na Cruz.

Orientação ritual

O rito final consta da “oração depois da comunhão” e da “oração sobre o povo”. Nesta celebração, o padre não dá a bênção final e não faz nenhuma despedida. Apenas proclama a “oração sobre o povo” e os celebrantes retiram-se em silêncio, sem envio do padre e sem nenhum canto. Deixam a igreja silenciosamente (Cf. Missal Romano, p. 269).

Beijo no Senhor: Muitas comunidades, uma vez concluída a celebração, realizam o chamado “beijo no Senhor Bom Jesus”. Para este momento, a Equipe Litúrgica tenha o cuidado de escalar uma Equipe para preparar breves reflexões, canções e orações que ajudem a fazer deste momento, um instante de oração, de reflexão e de oração silenciosa e comunitária.

Quanto ao presbitério, o altar e o ambão continuam desnudados, isto é, sem toalhas e sem nenhuma flor. A preparação da igreja para a Vigília Pascal seja feita no sábado.

(cf. Missal Romano, p. 269, no título “Sábado Santo”).

LITURGIA DA PALAVRA (leituras)

Atenção

No quadro abaixo estamos propondo uma monição geral da Liturgia da Palavra, que poderá ser feita pelo sacerdote ou pelo comentarista. Esta monição elimina as motivações de cada uma das leituras.

A Paixão de Jesus Cristo, proclamada no Evangelho, é precedida pela profecia do servo sofredor de Isaías, que ouviremos na 1ª leitura, cantada como confiança em Deus, no salmo responsorial, e refletida na 2ª leitura como atividade sacerdotal de Jesus, oferecendo sua vida em sacrifício ao Pai.

Primeira leitura - Is 52,13-53,12

Leitura do livro do Profeta Isaías

Ei-lo, o meu Servo será bem sucedido;
sua ascensão será ao mais alto grau.
Assim como muitos ficaram pasmados ao vê-lo
— tão desfigurado ele estava que não parecia ser
um homem
ou ter aspecto humano —,

do mesmo modo ele espalhará sua fama entre os povos.

Diante dele os reis se manterão em silêncio,
vendo algo que nunca lhes foi narrado
e conhecendo coisas que jamais ouviram.
Quem de nós deu crédito ao que ouvimos?
E a quem foi dado reconhecer a força do Senhor?
Diante do Senhor ele cresceu como renovo de
planta
ou como raiz em terra seca.

Não tinha beleza nem atrativo para o olharmos,
não tinha aparência que nos agradasse.
Era desprezado como o último dos mortais,
homem coberto de dores, cheio de sofrimentos;
passando por ele, tapávamos o rosto;
tão desprezível era, não fazíamos caso dele.
A verdade é que ele tomava sobre si nossas
enfermidades
e sofria, ele mesmo, nossas dores;
e nós pensávamos fosse um chagado,
golpeado por Deus e humilhado!
Mas ele foi ferido por causa de nossos pecados,
esmagado por causa de nossos crimes;
a punição a ele imposta era o preço da nossa paz,
e suas feridas, o preço da nossa cura.
Todos nós vagávamos como ovelhas desgarradas,
cada qual seguindo seu caminho;
e o Senhor fez recair sobre ele
o pecado de todos nós.
Foi maltratado, e submeteu-se, não abriu a boca;
como cordeiro levado ao matadouro
ou como ovelha diante dos que a tosquiavam,
ele não abriu a boca.
Foi atormentado pela angústia e foi condenado.
Quem se preocuparia com sua história de origem?
Ele foi eliminado do mundo dos vivos;
e por causa do pecado do meu povo,
foi golpeado até morrer.
Deram-lhe sepultura entre ímpios,
um túmulo entre os ricos,
porque ele não praticou o mal,
nem se encontrou falsidade em suas palavras.
O Senhor quis macerá-lo com sofrimentos.
Oferecendo sua vida em expiação,
ele terá descendência duradoura,
e fará cumprir com êxito a vontade do Senhor.
Por esta vida de sofrimento,
alcançara luz e uma ciência perfeita.
Meu Servo, o Justo, fará justos inúmeros homens,
carregando sobre si suas culpas.
Por isso, compartilharei com ele multidões
e ele repartirá suas riquezas com os valentes
seguidores,
pois entregou o corpo a morte,
sendo contado como um malfeitor;
ele, na verdade, resgatava o pecado de todos
e intercedia em favor dos pecadores.

Palavra do Senhor
Graças a Deus!

Salmo responsorial - Sl 30

Ó Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.

Senhor, eu ponho em vós minha esperança;
que eu não fique envergonhado eternamente!
Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito,
porque vós me salvareis, ó Deus fiel!

Ó Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.

Tornei-me o opróbrio do inimigo,
o desprezo e zombaria dos vizinhos,
e objeto de pavor para os amigos;
fugem de mim os que me vêem pela rua.

Ó Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.

Os corações me esqueceram como um morto,
e tornei-me como um vaso espedaçado.
A vós, porém, ó meu Senhor, eu me confio,
e afirmo que só vós sois o meu Deus!

Ó Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.

Eu entrego em vossas mãos o meu destino;
libertai-me do inimigo e do opressor!
Mostrai serena a vossa face ao vosso servo,
e salvai-me pela vossa compaixão!
Fortalecei os corações, tende coragem,
todos vós que ao Senhor vos confiais!

Ó Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito.

Segunda leitura - Hb 4, 14-16; 5,7-9

Leitura da carta aos Hebreus.

Irmãos:

Temos um sumo, sacerdote eminente,
que entrou no céu, Jesus, o Filho de Deus.
Por isso, permaneçamos firmes na fé que
professamos.

Com efeito, temos um sumo-sacerdote
capaz de se compadecer de nossas fraquezas,
pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com
exceção do pecado.

Aproximemo-nos então, com toda a confiança,
do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e
alcançarmos

a graça de um auxílio no momento oportuno.

Cristo, nos dias de sua vida terrestre,
dirigiu preces e súplicas,
com forte clamor e lágrimas,

àquele que era capaz de salvá-lo da morte.
E foi atendido, por causa de sua entrega a Deus.
Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa
a obediência a Deus, por aquilo que ele sofreu.
Mas, na consumação de sua vida,
tornou-se causa de salvação eterna
para todos os que lhe obedecem.

Palavra do Senhor.
Graças a Deus!

Aclamação ao Evangelho

Louvor e honra a vós, Senhor Jesus

Jesus Cristo se tornou obediente,
obediente até a morte numa cruz,
pelo que o Senhor o exaltou,
e deu-lhe um nome muito acima de outro nome.

PAIXÃO DO SENHOR

A Paixão do Senhor é a narração do maior gesto de fidelidade ao projeto divino realizado na terra. Jesus foi fiel em todos os momentos e nunca negou proclamar a verdade, mesmo quando os sacerdotes exigiam dela uma explicação de seus ensinamentos.

Para a leitura da Paixão do Senhor, cf. Lecionário Dominical, p. 789.

6ª FEIRA SANTA - PAIXÃO DO SENHOR 30 de março de 2018

REFLEXÃO CELEBRATIVA (proposta de homilia)

1 – Contemplar a Cruz de Jesus

Existem diferentes modos de nos aproximar da Cruz de Jesus Cristo. Como acabamos de fazer, podemos ler ou ouvir a Paixão de Jesus e meditar sobre o grande sofrimento de Jesus por amor a nós e para nos salvar. Podemos ler um estudo teológico ou ouvir uma palestra ou até mesmo uma homilia. Meu convite não é para nenhum destes modos, mas com um modo muito especial de nos aproximar da Paixão do Senhor: pela contemplação. Não a contemplação de quem permanece distante da Cruz, mas a experiência contemplativa feita por Maria, a Mãe de Jesus, pelo discípulo amado e por aqueles que permaneceram próximos da Cruz. Trata-se de uma experiência contemplativa que não nos distancia do sofrimento de Jesus, mas que nos aproxima e nos faz sentir a força divina diante da dor.

2 – Jesus assume a Paixão

Quando nos aproximamos da Paixão de Jesus, lendo o evangelista João, percebemos que Jesus assume sua Paixão como realização da sua missão. Logo no início do Evangelho da Paixão, João diz que Jesus estava consciente de tudo e se aproxima daqueles que vinham para prendê-lo. Ele sabia que passaria por este momento, apesar da agonia que o atormentara durante a noite. Passa por este momento assumindo nossas enfermidades, nossos sofrimentos, nossas dores, dizia a 1ª leitura. Pela porta do sofrimento, que se abre com sua Paixão e sua Cruz, o autor da carta aos Hebreus, na 2ª leitura, dizia que Jesus entra no santuário de Deus para interceder por nós por nós com forte clamor e lágrimas e foi atendido. O sofrimento de Jesus tem uma finalidade bem clara, conhecida por ele: reconciliar-nos com Deus, aproximar-nos novamente de Deus, porque o pecado nos tinha afastado de Deus.

3 – Permanecer aos pés da Cruz

A Cruz, para nós, não é um instrumento de tortura e de morte, mas a porta pela qual Jesus levou nossa humanidade para junto de Deus, no dizer da 2ª leitura. Por isso, nós nos aproximamos da Cruz de Jesus, não porque gostamos do sofrimento, mas porque entendemos que pela Cruz, Jesus nos conduz com ele e nos coloca diante de Deus. Por isso, também as cruzes que temos em nossas vidas têm um sentido e podem ser portas que nos colocam diante de Deus. As cruzes de tantos irmãos e irmãs, de quem nos aproximamos, podem ser portas que se abrem e nos colocam diante de Deus. Ali, diante do amor divino, nós então rezaremos como o salmista: *“mostrai serena a vossa face ao vosso servo e salvai-me pela vossa compaixão”*. Amém!

Primeira leitura - Is 52,13-53,12

Leitura do livro do Profeta Isaías

Ei-lo, o meu Servo será bem sucedido;
sua ascensão será ao mais alto grau.
Assim como muitos ficaram pasmados ao vê-lo
— tão desfigurado ele estava que não parecia ser
um homem
ou ter aspecto humano —,
do mesmo modo ele espalhará sua fama entre os
povos.
Diante dele os reis se manterão em silêncio,
vendo algo que nunca lhes foi narrado
e conhecendo coisas que jamais ouviram.
Quem de nós deu crédito ao que ouvimos?
E a quem foi dado reconhecer a força do Senhor?
Diante do Senhor ele cresceu como renovo de
planta
ou como raiz em terra seca.
Não tinha beleza nem atrativo para o olharmos,
não tinha aparência que nos agradasse.
Era desprezado como o último dos mortais,
homem coberto de dores, cheio de sofrimentos;
passando por ele, tapávamos o rosto;
tão desprezível era, não fazíamos caso dele.
A verdade é que ele tomava sobre si nossas
enfermidades
e sofria, ele mesmo, nossas dores;
e nós pensávamos fosse um chagado,
golpeado por Deus e humilhado!
Mas ele foi ferido por causa de nossos pecados,
esmagado por causa de nossos crimes;
a punição a ele imposta era o preço da nossa paz,
e suas feridas, o preço da nossa cura.
Todos nós vagávamos como ovelhas desgarradas,
cada qual seguindo seu caminho;

e o Senhor fez recair sobre ele
o pecado de todos nós.
Foi maltratado, e submeteu-se, não abriu a boca;
como cordeiro levado ao matadouro
ou como ovelha diante dos que a tosquiavam,
ele não abriu a boca.
Foi atormentado pela angústia e foi condenado.
Quem se preocuparia com sua história de origem?
Ele foi eliminado do mundo dos vivos;
e por causa do pecado do meu povo,
foi golpeado até morrer.
Deram-lhe sepultura entre ímpios,
um túmulo entre os ricos,
porque ele não praticou o mal,
nem se encontrou falsidade em suas palavras.
O Senhor quis macerá-lo com sofrimentos.
Oferecendo sua vida em expiação,
ele terá descendência duradoura,
e fará cumprir com êxito a vontade do Senhor.
Por esta vida de sofrimento,
alcançara luz e uma ciência perfeita.
Meu Servo, o Justo, fará justos inúmeros homens,
carregando sobre si suas culpas.
Por isso, compartilharei com ele multidões
e ele repartirá suas riquezas com os valentes
seguidores,
pois entregou o corpo a morte,
sendo contado como um malfeitor;
ele, na verdade, resgatava o pecado de todos
e intercedia em favor dos pecadores.

Palavra do Senhor
Graças a Deus!

Segunda leitura - Hb 4, 14-16; 5,7-9

Leitura da carta aos Hebreus.

Irmãos:

Temos um sumo, sacerdote eminente,
que entrou no céu, Jesus, o Filho de Deus.
Por isso, permaneçamos firmes na fé que professamos.
Com efeito, temos um sumo-sacerdote
capaz de se compadecer de nossas fraquezas,
pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado.
Aproximemo-nos então, com toda a confiança,
do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos
a graça de um auxílio no momento oportuno.
Cristo, nos dias de sua vida terrestre,
dirigiu preces e súplicas,
com forte clamor e lágrimas,
àquele que era capaz de salvá-lo da morte.
E foi atendido, por causa de sua entrega a Deus.
Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa
a obediência a Deus, por aquilo que ele sofreu.
Mas, na consumação de sua vida,
tornou-se causa de salvação eterna
para todos os que lhe obedecem.

Palavra do Senhor.

Graças a Deus!